

1

Na Vertigem Digital – Apresentação

No. 1:

“Boom, meus ouvidos fecham. Dois segundos depois, Boom, minha mãe grita ‘Mariam’. Há fumaça por todos os lados. ‘Algo atingiu nossa casa’. As janelas estão quebradas, e vidros caem sobre mim. Todos estão vivos!!! Um milagre.”

No. 2:

<Zing_> Fala Juuuuuuuuu;-)

<Julii> E aí blz☺

<Zing_> e aí tc mto ontem com o Flp?

<Julii> Kra, muuuuuuuuito, papo qse Kbça hahahahahahahahah!

<Zing_> hehe aposto q vai rolar n´e?

<Julii> HUUUUMMMM, naaaaaauuuuummmmmmmmmmm!!!!

O que pode haver em comum entre os dois pequenos textos acima, aparentemente tão diferentes entre si?

O ponto de união entre ambos é o fato de fazerem parte do “oceano digital”, a chamada WWW (World Wide Web), mundialmente conhecida como Internet. A rede mundial de computadores, por onde circulam milhares de escritos como estes, é responsável pelo surgimento de novos gêneros textuais como os *blogs*, *e-mails*, fóruns de discussão *on-line*, bate-papo, *chats*, *home-page*, listas e vários outros textos voltados para a comunicação entre as pessoas, sendo a população jovem aquela que mais faz uso destes gêneros virtuais, em todo o planeta. O primeiro texto acima foi extraído do blog Days of my Life de uma adolescente iraquiana, que se identifica na rede como Sunshine, e nele a menina narra o sofrimento de viver em meio a uma guerra (www.oglobo.com.br -

20/5/07). O segundo, extraído da rede em 19/10/07, é uma conversa entre dois jovens, numa sala de bate papo *on-line*, do IRC (Internet Relay Chat), um ambiente virtual de encontros coletivos e um dos grandes atrativos do ciberespaço, principalmente para esta faixa de idade.

Se continuarmos a busca por semelhanças, encontraremos logo outra: a marca forte da linguagem oral em ambos, e ainda mais intensivamente no segundo texto. Esta é uma característica importante nas conversações *on-line*, aqui o oral e o escrito se interpenetram, gerando um tipo de “fala” mediada pelo teclado do computador. Uma vez que a comunicação não se dá face-a-face, os “internautas” lançam mão de inúmeros recursos, como as carinhas (*emoticons*), abreviações, excesso de sinais de pontuação, erros propositais na grafia das palavras, uso de maiúsculas para ‘gritar’ e muitos outros ícones gráficos, com o objetivo de tornar claros seus pensamentos e emoções no momento da escrita. Estas modificações na escrita oficial do Português (assim como de outras línguas) têm gerado discussões acaloradas com opiniões completamente divergentes. Para alguns se trata de um ‘assassinato’ da língua pátria; para outros uma demonstração de que a língua é viva e transforma-se de acordo com os novos tempos, usos e espaços discursivos, sem, contudo, significar o fim da língua materna.

Continuemos, então, nosso *tour* pela grande rede, admirando belas e também inóspitas paisagens. Veja o fragmento a seguir:

“A internet é uma maravilha, a internet é um horror. Não sei como a humanidade pôde viver tanto tempo sem o *e-mail* e o Google, não sei o que será da nossa privacidade e da nossa sanidade quando só soubermos conviver nesse ciberuniverso assustador. O mais admirável da internet é que tudo posto nos seus circuitos acaba tendo o mesmo valor, seja receita de bolo ou ensaio filosófico, já que o meio e o acesso ao meio são absolutamente iguais. O mais terrível é que tudo acaba tendo a mesma neutralidade moral, seja pregação inspiradora ou pregação racista- ou receita de bomba-, já que a linguagem técnica é a mesma e a promiscuidade das mensagens é incontrolável. Não temos nem escolha entre o admirável e o terrível, pois, acima de qualquer outra coisa, a internet, hoje, é inevitável.”

O texto acima, de Luís Fernando Veríssimo (“Caiu na Rede” p.157, Cora Rónai, 2005), é um desabafo do escritor a respeito dos inúmeros textos que circulam na internet atribuídos, falsamente, à sua pessoa. Veríssimo conta, inclusive, que no Salão do Livro de Paris-2005, foi homenageado, juntamente com outros autores brasileiros como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Clarice Lispector, com a tradução para o francês de um texto “seu” que circulava na internet, o qual ele nunca havia escrito. Com seu humor peculiar, Veríssimo diz que gostaria de encontrar o verdadeiro autor para agradecê-lo pela glória emprestada. A propósito, o texto em questão chama-se “Quase”, em francês ficou “Presque” e pode ser encontrado na rede (ou na página 115 do livro de Cora). Assim como ele, vários outros autores brasileiros, Arnaldo Jabor, Millôr Fernandes, João Ubaldo Ribeiro só para citar alguns, (sem contar os estrangeiros), com frequência vêm seus nomes assinando textos de outras pessoas na rede. A maioria destes textos circula há anos e já são até reconhecidos pelos internautas mais experientes. No mundo digital da internet este é mais um dos paradigmas postos em xeque: as questões relativas à autoria. E são vários os desdobramentos aqui presentes: também se modifica o estatuto do autor, uma vez que a rede permite que o leitor transforme os textos, deslocando-os, recortando-os, adicionando outras partes, enfim, re-escrevendo-os, ou seja, o leitor se torna autor. Michel Foucault (1992) já havia sonhado com as possibilidades abertas por uma escritura sem autor, onde cada um participa anonimamente. Será que chegamos lá? . Chartier (1998) nos lembra, no entanto, que este desaparecimento da figura do autor traz à tona problemas que necessitam ser resolvidos, uma vez que ele confunde categorias jurídicas ainda válidas como propriedade literária, direitos autorais e *copyright*, por exemplo.

No tocante a esta questão dos direitos, já existe desde 2002, (www.oglobo.com.br, 27/6/06) um movimento que visa flexibilizar os direitos autorais de conteúdos na Internet, chama-se Creative Commons, sigla CC, seu idealizador é Lawrence Lessing, professor da Universidade de Stanford (www.creativecommons.org). A idéia central deste movimento é popularizar, cada vez mais, o acesso á informação, respeitando, no entanto, algumas normas, de acordo com um dos quatro tipos de licença existentes: A primeira chama-se *Atribuição*, aqui o trabalho pode ser copiado e distribuído por qualquer um, mas é preciso dar os créditos ao autor. A segunda é chamada *Uso Não Comercial*, o

autor permite acesso livre ao conteúdo, mas se outra pessoa quiser fazer uso comercial disto, ou seja, ganhar dinheiro precisa consultá-lo. A terceira é *Não às Obras Derivadas*, onde o autor autoriza o livre uso da sua obra, mas não se pode modificá-la. A última licença chama-se *Compartilhamento Pela Mesma Licença*, onde o autor autoriza a alteração do seu trabalho, desde que em favor de outro com a mesma licença. Em termos de cultura livre o Brasil é um dos países mais atuantes, foi o quarto país a integrar a rede CC, atrás apenas dos Estados Unidos, Japão e Finlândia. O Ministro da Cultura, Gilberto Gil, é um dos entusiastas do compartilhamento gratuito de informações e conteúdos. Ao ser impedido pela Time Warner, sua gravadora em 2004, de liberar músicas sob Creative Commons, Gil não teve dúvidas, trocou de gravadora. Em 2006 já havia em torno de 140 milhões de conteúdos com a marca CC (Creative Commons). Em 2007, na turnê Banda Larga, na Europa, Gil levou uma equipe de webjornalistas e especialistas em criação de conteúdo para a internet, com vistas a disponibilizar todo o cotidiano da equipe para os locais de rede como You Tube, Second Life, website, blog e fotolog, deixando espaço para que os internautas pudessem interagir e mandar mensagens. Ele diz:

“Pertencço ao tempo do artista original, dele com seu território bem delimitado, sua linguagem específica. O que tenho tentado e me dedicado é ao exercício de quebrar essas barreiras, essa cerca e essa autoralidade que também é romântica. Quero é trabalhar nessa outra direção. A que estimulou o crescimento da cultura e da ciência. Que é o compartilhamento, a formação da inteligência coletiva. É libertário. Finalmente a tecnologia proporciona a possibilidade e um exercício de coletividade.”

(www.oglobo.com.br, acesso em 23/7/07)

Apesar da defesa veemente do artista, há os que discordam deste movimento todo. E mais uma polêmica se instala: Autores e distribuidoras temem dar uma liberdade tão grande assim às suas obras, principalmente quando se trata de criações audiovisuais (a maioria dos trabalhos licenciados sob CC são textos). A preocupação deles pode ser traduzida na seguinte pergunta: “Quem vai comprar um produto se ele pode ser baixado de graça na rede?”.

Falando em baixar conteúdos na Internet, esta é uma prática cada vez mais comum entre os alunos ao deparar-se com as pesquisas escolares. O problema apontado pelos professores é que, muitas vezes, o trabalho passa da tela para a

impressão sem a leitura devida. Veja o título desta matéria, publicada na Folha de São Paulo, em 23/10/06: “*Contra plágio, escolas exigem manuscritos*”. Ou seja, várias escolas, diante da avalanche de trabalhos copiados diretamente dos sites de pesquisas, decidiram mudar a forma de cobrar os trabalhos dos alunos. Neste caso, a tentativa de evitar que eles não lessem passa por cobrar os trabalhos escritos à mão. “Isso evita o simples plágio”, diz uma das professoras entrevistadas.

A Internet, todos sabemos, é um poderoso provedor que pode ser acessado a qualquer hora e de qualquer lugar, disponibilizando uma quantidade de informações quase infinita, um imenso banco de dados *on-line*. Para termos idéia do potencial deste meio, 1,5 milhões de livros foram digitalizados e postos na rede a partir de um só projeto, o da Universidade de Canegie-Mellon, em Pittsburgh (EUA),(www.oglobo.com.br, 10/12/07), fora todos os outros projetos de digitalização de obras, como o da National Science Digital Library, ou do Google, por exemplo. Como meio de pesquisa a Internet é, hoje, uma das ferramentas mais utilizadas. Até uma enciclopédia virtual feita por internautas é possível encontrar na rede: a Wikipedia, com mais de três milhões de artigos em dez idiomas, inclusive o Português, é um dos vinte sites mais visitados do mundo. Na Wikipedia, qualquer um pode ser autor. Você não precisa ser especialista num assunto para criar um artigo, o que vale é a colaboração e a troca de conhecimento. Mas, atenção, é possível haver erros na informação, é necessário checar muito bem.

Na grande rede, praticamente para todos os temas você pode encontrar uma infinidade de informações. Experimente teclar a palavra “leitura”, por exemplo, no Google e veja a quantidade de referências (fiz a experiência, 36.000.000), em 26/10/07.

Bem, diante deste excesso, é necessário filtrar aquelas que são realmente informações relevantes para a construção do conhecimento. Este é um ponto importante, e surgem perguntas: “Terão os alunos, principalmente os mais jovens, condições de fazê-lo? Qual deverá ser a atitude do professor frente a esta nova ferramenta de pesquisa?”.

Na matéria citada anteriormente, (sobre a cópia de trabalhos escolares na rede), um dos alunos entrevistados, F. 16 anos, diz: “Pego todos os meus trabalhos lá, nem leio, só preciso fazer uma capa”. Por conta deste tipo de situação, além de cobrar os textos escritos à mão, outras estratégias estão sendo utilizadas pelas

escolas, como, por exemplo, associar os trabalhos com outras atividades, tipo palestras e encenações teatrais montadas pelos próprios alunos. Para analisar estas atividades digitadas da rede, os professores também desenvolveram suas estratégias, uma delas é jogar parte dos textos no Google, um dos mais populares sites de buscas, para saber se houve cópia. Curiosamente, como podemos ver, a mesma ferramenta que é usada para o plágio é usada também para detectá-lo. Diferentes usos e sentidos a partir de um mesmo meio, portanto.

A facilidade que existe em acessar trabalhos prontos na Internet é, no entanto, algo que fica evidente quando se entra em alguns sites de “cola”, como por exemplo, o www.zemoleza.com.br, o www.deixacomigo.com e o www.coladaweb.com. Os nomes são bem sugestivos, concorda? Nas páginas iniciais destes sites podemos ler mensagens como: “Campanha anti-plágio! Diga não à cola”; “Mais de 20 mil trabalhos. Aqui você encontra tudo que precisa para ajudar nos seus trabalhos acadêmicos”. E nos depoimentos e mensagens dos usuários lemos o seguinte: “O Zé Moleza otimiza o meu tempo e aqui não tem erro, os trabalhos são de qualidade...” ; “Eu vou apresentar um seminário sobre a crise do capitalismo, preciso de um resumo bem legal !!!!b-sinhos; “Quero 1 trabalho sobre células tronco e Diet e Light!!!!”; (acesso à rede em 10/12/07, sinais de pontuação são dos próprios usuários). Edson Outani, um dos sócios do Zé Moleza, explica ao repórter da Folha de São Paulo, que o site “é uma ferramenta de democratização da informação” e que “deve ter gente que cole os trabalhos. Mas o que a pessoa fará com a informação não compete a nós regular”. Um dos professores entrevistados acha que é necessário mostrar aos alunos os processos de uma pesquisa, já que o uso cada vez mais comum da Internet também pode ter desvirtuado noções de ética sobre a autoria dos trabalhos.

É interessante notar que não são só as crianças e adolescentes aqueles que deixam a ética de lado e lançam mão do recurso da cópia, também alunos de universidades já foram pegos usando este tipo de método. Algumas vezes esta tarefa é delegada a terceiros. Se você prestar bem atenção nos murais espalhados em várias universidades, (já vi em duas das mais conceituadas), certamente irá deparar-se com pequenos anúncios do tipo: “Se você está sem tempo, não se preocupe, elaboramos e entregamos pronto o seu trabalho acadêmico: monografias, dissertações, teses. Total confiança. Ligue (número tal.)”. Pensando bem, o que há de novo aqui? Desde antes do aparecimento da Internet que alunos

copiavam trechos de livros e enciclopédias. Ou seja, modificaram-se os suportes da leitura e da escrita, mas persiste o fato de que copiar é bem diferente de pesquisar. O que mudou então? Arriscando uma resposta: parece que agora, com a Internet, tudo ficou mais fácil. Além da facilidade de encontrar uma variedade de textos num só lugar, a tela do computador, agora basta apertar uma tecla para que o conteúdo encontrado já saia impresso, pronto para ser entregue.

Continuando nossa viagem digital, é importante sabermos quantos viajantes, isto é, usuários da W.W.W., nós somos hoje no Brasil. Resposta: 32,9 milhões de usuários (Ibope/NetRatings, Jornal O Globo/26/3/07). Este índice inclui todos os ambientes de acesso – trabalho, casa, escola, cibercafés, telecentros, etc. É um número 21% maior em relação ao mesmo período do ano passado e, segundo a matéria, pode ser reflexo dos programas de inclusão digital do governo e do aquecimento nas vendas de PCs. Segundo dados da indústria (Eletros e Abinee), citados no jornal, este ano as projeções de venda são de 11 milhões de micros contra 11,7 milhões de TVs. Mas, ainda é pouco, para um país com 188 milhões de pessoas. Apesar da maior presença de computadores nas residências brasileiras, ainda é nas classes A e B que eles se concentram. A banda larga, por exemplo, só chega 5,7 milhões de usuários. A questão é que a Internet está cada vez mais robusta e pede, a cada dia, velocidade mais vertiginosa. Com ou sem banda larga, no entanto, o brasileiro ainda é o internauta que passa mais tempo navegando na rede. Como era de se esperar, os jovens são os maiores navegadores do ciberespaço: 33,9 % contra 7,3 % de pessoas com mais de 50 anos, diz o jornal. E mais uma contradição: apesar de sermos um dos dez países que mais têm usuários da rede no planeta, ocupamos só o 71º lugar em uma análise sobre países adaptados às novas tecnologias da informação e comunicação e o índice de oportunidade digital. “Vivemos ainda uma situação de apartheid digital”, diz Rodrigo Baggio, fundador do Comitê para Democratização da Informática (CDI), uma ONG criada visando a inclusão digital. Ele toca em um ponto da maior relevância quando se deseja não numa navegação sem rumo pelo oceano digital, mas um uso consciente e criativo da rede: “inclusão digital é mais que computador. É formação de produtores de conteúdo, é fazer com que a tecnologia seja usada como ferramenta cidadã” (O Globo, p.3, Caderno Info, 26/3/7).

Neste momento encerra-se o nosso breve e despretensioso passeio pela rede. A intenção, por enquanto, foi apenas mostrar algumas possibilidades no maravilhoso, infindável e, muitas vezes caótico universo da Internet. Situações novas que nos obrigam a pensar e agir de modo diferente do que fazíamos até o surgimento desta tecnologia. Sem dúvida, há uma mudança social em curso, com o advento das novas tecnologias da informação e comunicação. Nós, indivíduos desta época, somos todos afetados por ela,

É justamente sobre estas novas maneiras de pensar e de agir dos professores universitários, frente à nova tecnologia computacional, mais precisamente a Internet, que vai tratar este trabalho. O que mudou nas práticas leitoras e escritoras destes professores, ou seja, no seu trabalho, frente a este recurso tecnológico? Quais os significados das mudanças?

Posso dizer que o presente trabalho nasceu do meu espanto e, ao mesmo tempo, encantamento por tantas novas possibilidades surgidas com o uso da rede. Desconheço uma grande parte delas, mas, sou desafiada, (e estou gostando disto), a conhecer cada vez mais deste universo. Este trabalho que se inicia é uma das maneiras de conhecê-lo.